

→ Otávio de Almeida

TERCEIRO DOS "7 IMPROVISOS IMPREVISÍVEIS" DE RENÉ CALDIA
TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE ALFREDO MESQUITA

EX 66
3001

Ter. de designar
Paulo de Magalhães

11 05

PERSONAGENS:

D.GARRA:- 50 anos. Usa um chapéu extravagante coberto de cabeças de pássaros bicudos.

JULIA:- Sob seus véus de viúva é, ainda, jovem e sedutora.

ENUNCIÁRIO:-

Ante a cortina. Cena única.

é bom se não
basta o tempo
perder a intenção
a hora tragica
muito rápido
mas: [] [] []

Julia 1

AS DUAS MULHERES ENTRAM AO MESMO TEMPO, CADA QUAL PELO SEU LADO, PUXANDO UMA CADEIRA QUE COLOCAM LADO A LADO NO CENTRO DA CENA. SENTAM-SE QUEDANDO SILENCIOSAS POR ALGUM TEMPO, DEPOIS, DESCOBRINDO-SE MUTUAMENTE, LEVANTAM-SE COMO MOVIDAS POR UMA MOLA.

D.GARRA:- Julia!

JULIA 2- D.Garra!

(ABRAÇAM-SE E BEIJAM-SE E TORNAM A SENTAR. PAUSA)

D.GARRA:- Podemos gabar-nos de sermos pontuais. Chegamos na horinha.

JULIA 2- Pois é. Nem que fosse de propósito.

coloca o relógio.
24:00hs

D.GARRA:- Sinto-me feliz em revê-la. Como vai desde a última vez?

JULIA 2- Ah! A senhora sabe...

D.GARRA:- Se sei... se sei! Vai fazer um ano que o nosso querido Victor nos deixou.

JULIA 2- Três anos, D.Garra. Três anos.

D.GARRA:- Três anos é justamente o que eu queria dizer. Três anos. Como o tempo passa depressa... relóginho

JULIA 2- Os minutos é que custam a passar. relógão

D.GARRA:- Como?

JULIA 2- (MAIS ALTO) Os minutos é que custam a passar.

D.GARRA:- Nem me diga, nem me diga. Sobretudo à noite. badaladas

JULIA²- Sobretudo à noite.

D.GARRA:- Nosso querido Victor, ^{plô relógio} (SUSPIRA FUNDO) *Julia 1 aparece*

JULIA¹- Como a estimava, D.Garra. Antes de ficar mudo falava-me sempre da senhora.

D.GARRA:- Meu Deus! Que idéia emudecer, assim, sem mais nem menos.

JULIA²- Foi a paralisia, minha cara, a paralisia. Começou pelo lado direito.

D.GARRA:- O lado do fígado.

direita e esquerda sobre chapéu

JULIA²- Como?

D.GARRA:- O lado do fígado. A esquerda é o lado do coração. A direita o lado do fígado.

JULIA¹- Talvez. ^{Julia 2} Note porém que, muito antes da primeira crise, eu devia ter desconfiado.

D.GARRA:- Se a gente soubesse...

JULIA²- Nossas relações... enfim, a senhora compreende... espaçavam-se cada vez mais.

D.GARRA:- (INTERESSADÍSSIMA) Não me diga. Conte-me isso!

JULIA²- Muito cá entre nós, D.Garra.

D.GARRA:- Julia, você conhece a minha discrição, não é mesmo? Continue. Dava-me a entender que suas relações...

JULIA:- Pois é. ^{Julia 2} No entanto, Victor sempre foi, ^{Julia 1} muito cumpridor de suas obrigações...

D.GARRA:- Cumpridor de obrigações... (RISO MALICIOSO)

Adoro esse seu... eufemismo!

JULIA²- Cumpridorzíssimo. Um verdadeiro relógio de ponto!

^{JULIA 1} Suponho mesmo que tenha picotado todos os... cartões que se achavam à sua mão.

D.GARRA:- Oh!

JULIA²- Só o número de secretárias e datilógrafas que fizeram carreira fulminante na sua sessão!

D.GARRA:- Não me diga!

JULIA²:- É como lhe digo. No entanto, não pense que quero culpar o nosso querido Victor. Nunca! Havia de lhe proporcionar todas as mulheres do mundo, se isso o fizesse voltar do túmulo.

D.GARRA:- Chegaria a tal ponto...

JULIA¹:- Iria mais longe ainda. Mais longe, D.Garra! A verdadeira paixão não se importa com tais miudezas. A minha culpa foi justamente ter me importado enquanto ele era vivo ainda. Quando penso na cena que fiz por causa da leiteira.

D.GARRA:- Forque... também a leiteira?...

JULIA¹:- Também. E levou com a coalhada na cara, todinha!

(DEIXA-SE ESCORREGAR DA CADEIRA, CAINDO DE JOELHOS E JUNTANDO AS MÃOS) Perdão, Victor, perdão! *o rebujo*

D.GARRA:- (MUITO AGRAPALHADA) Pelo amor de Deus! Sente-se, que é isto? Imagine só se a vissem nesse estado.

JULIA²:- (SENTANDO-SE) Desculpe-me. A dor me faz perder a cabeça.

D.GARRA:- No entanto, se bem a compreendo, Victor deixava-a, a bem dizer, "na mão"...

JULIA¹:- (OFENDIDÍSSIMA) A mim? De jeito nenhum! *Julia* Como ia dizendo, D.Garra, antes da paralisia meu esposo já não era o mesmo. Passavam-se dez, doze, treze, quinze dias sem...

D.GARRA:- Ah! sei, sei, sei...

JULIA²:- A princípio, culpava-me a mim mesma. ("Julia...") dizia-me, ("Julia, tu é fria, fria demais. És incapaz de te atirares às alturas do teu Victor! Julia, tu não tens fôlego.")

D.GARRA:- Quer dizer que ele era exigentíssimo?

JULIA²:- Exigentíssimo? *algo de perguntar* (Sim e não. Requentado! Sobretudo requentado. Chamava-se Balduino... como a senhora sabe. Victor Balduino. Mas, na realidade, descendia dos "De Sainte Foix Vilmure Saintonge".

D.GARRA:- Como assim? *uma coisa a descobrir*

JULIA⁴:- Já lhe conto. Na Revolução Francesa - que ele era descendente de franceses...

D.GARRA:- Tudo se explica...

JULIA:- Não é mesmo? Pois na Revolução Francesa, um de seus antepassados, Jules de Sainte Foix Vilmure de Saintonge, a fim de evitar certos aborrecimentos, tomou provisoriamente o nome de Balduino. (1) Para ser mais precisa: o tal avô pagou a um certo Cesar Balduino Para que fosse guilhotinado em seu lugar.)

D.GARRA:- O que? Então esse tal de Balduino deixou que lhe cortassem a cabeça por procuração?

JULIA:- (1) Deixou. A senhora sabe, por dinheiro não há o que se não faça. Se lhe conto isso tudo, é para que melhor compreenda certas sutilezas do nosso defunto. (2) Sangue azul corria-lhe nas veias. A senhora, D.Garra, rebento de tão alta estirpe, de certo me compreenderá.)

D.GARRA:- Compreendo, compreendo...

JULIA:- (2) Assim pois, voltando à vaca fria, depois de mex ter acusado, percebi que exagerava a minha incuria nesse... (1) setor... e que minha aparente frialdade podia encobrir terríveis vulções. (3) "Outros mouros andam na costa"... pensei, Certa noite que ele chegou mais tarde do que de costume, fui ter com ele no banheiro e, fechando a porta a chave, falei: (1) "Estou cheia, Victor, cheia, sabe disso? Escolha: ou eu ou o Barnabé!"

D.GARRA:- (ENGASGANDO-SE) Barnabé? *Reconhece*

JULIA:- (1) Pois é. Barnabé! O novo perito contador.

D.GARRA:- (SEM FÔLEGO) (1) Por que Victor, enfim... (2) seu Balduino...

JULIA:- (1) É como lhe digo. É verdade que o talzinho era um broto, uma uva! Que olhos! Que pestanas! Reviradas... Ninguém diria que queimava-as de manhã à noite nos livros de contabilidade. Ou talvez fosse isso que desse aos olhos tamanha pureza... aquela espécie de limpidez matemática!

D.GARRA:- Que é isso, Julinha, será que você não está se sentindo bem? (2)

JULIA:- (1) *meu* Caceteio-a com os meus "causos"...

D.GARRA:- (CORTANDO-A) Cacetear-me? Oh, não. Jamais. De jeito nenhum. E que lhe respondeu Victor quando lhe falou do Barnabé?

JULIA: ⁽¹⁾ Nada. Foi exatamente neste instante que emudeceu.

⁽²⁾ Já o terrível mal roía a medula dos seus ossos de chefe de sessão. E eu (BATE NO PEITO COM FORÇA), eu o ^{D/1}acusava, acusava aquele adorado esteta, eu o culpava, tornava-me mesquinha, deixava-me levar por questiúnculas, por pontos de vista vesgos. (CAI DE NOCO DE JOELHOS) Victor, Victor! Peço perdão!

D.GARRA:- Por favor, Julia!

JULIA: ⁽¹⁾ ^{deixa...} (Tornando a se sentar) Desculpe-me. O remorso me roi e me corroi.

D.GARRA:- (COM TERNURA) ^{P'3} Pobre anjo louro! ^{P'3} Pobre tulipa negra!

JULIA: ⁽¹⁾ ^{malícia} Como a senhora é boa, D.Garra. (DEIXA-SE CAIR SOBRE O OMBRO DA AMIGA)

D.GARRA:- (CADA VEZ MAIS ATRAPALHADA) Que é isso, Julia, vamos, juizinho. (TENTA LEVANTAR AQUELA FLOR SEM FUTURO) Julia, afinal de contas, eu não sou Victor.

JULIA: ⁽¹⁾ Deixa falar...

D.GARRA:- Não sou não. Vamos, Julia, onde está a sua dignidade? Levante-se, vamos! (LEVANTA+A)

JULIA: ⁽²⁾ Cada vez que encontro um ou uma amiga de Victor, é um pouquinho dele que encontro... ⁽¹⁾ e há um pouco de Victor na senhora também, então não há, D.Garra?

D.GARRA:- Ouça, minha filha, também eu fui ^{ad quem...}viúva. Quer dizer: também eu conheci muitos maus bocados durante a minha já longa existência. E nem porisso morri, não ~~xé~~ mesmo?

JULIA: ⁽²⁾ Mas ainda pode morrer, D.Garra, acredite. ⁽¹⁾ Ainda pode morrer.

D.GARRA:- (MATERNAL) Vamos, vamos. Você é jovem ainda. A terra continua a girar, as folhas a trepar pelas árvores e as meninas a pular cordas, o mar a cantar a sua eterna canção, os passarinhos a piar, a França a...

JULIA: ⁽²⁾ (LEVANTANDO-SE) Ah! os passarinhos! Como Victor os amava! Os passarinhos! (ENCARA COM AR ESTRANHO O CHAPÉU DE D.GARRA)

D.Garra, me dê já o seu chapéu, ande, dê!

D.GARRA:- O meu chapéu? (ESPANTADA)

JULIA: - É. O seu chapéu. O seu chapéu que é mais que um chapéu, é um viveiro. Um viveiro, D. Garra! (ESTENDENDO AS MÃOS AO OBJETO ALMEJADO). Peco-lh'o eu!

D. GARRA: - (RECUANDO) Nem pense nisso. Quer que volte para casa descoberta?

JULIA: - Dou-lhe o meu, se isso lhe dá prazer.

D. GARRA: - Não preciso que me de um prazer. (ENTERRA O CHAPÉU ATÉ O MARIZ) Cada coisa em seu lugar.

JULIA: - O nosso Victor gostava tanto de pássaros. A primeira vez que violentou uma menina...

D. GARRA: - Oh?

JULIA: - Perguntei-lhe, muito docemente, - Oh! quão docemente - para não o magoar: Victor, por que foi fazer uma coisa dessas? E sabe o que ele me respondeu?

D. GARRA: - (LÍVIDA) Não.

JULIA: - Porque ela tinha os cabelos mais negros do que a asa da graúna. Era um poeta, o nosso Victor!

D. GARRA: - (CONSIGO MESMA) Não, não é possível. Não pode ser. Um homem tão distinto, tão pontual, que jamais levantava a voz...

JULIA: - Por favor, minha grande, minha querida amiga. (REPENTINAMENTE TERRÍVEL) Victor ordena que me de o seu chapéu. E hei de obtê-lo, custe o que custar. Empenado ou desempenado. De-mo.

D. GARRA: - (DESCOBRINDO-SE, TODA TRÊMULA) Tome, já que isso pode fazer sua felicidade.

JULIA: - (PULANDO SOBRE O CHAPÉU) Como ousa falar em felicidade? (EXAMINANDO O OBJETO COBIÇADO E COMOVENDO-SE) Ah! que belos pássaros! Ah! quão graciosas estas "penas".

D. GARRA: - Julia, você não me parece estar em seu estado normal.

JULIA: - E a senhora, D. Garra, estará no seu estado normal?

D. GARRA: - Se passasse alguém e...

JULIA: - Como?

D.GARRA:- Quer dizer... evidentemente, a gente nunca sabe...

(DEPRESSA) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga. Duro com duro não dá bom muro. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Em casa de ferreiro, espeto de pau. Não se fala de corda em casa de enforcado. Fala-me, porém, ^{V. o menino} de Victor. Do nosso querido Victor. A primeira vez que nos encontramos foi no enterro de sua avó. (ALEGRE) Lembra-se do enterro de sua avó? Bons tempos aqueles.

JULIA:-(?) Ah! Se me lembro dela! Foi ele quem a matou.

D.GARRA:- Hein?

JULIA:-(?) Cá entre nós, a partir de uma certa idade, é indecente insistir em viver, a senhora não acha? Não é só indecente como é imoral, amoral.

D.GARRA:- (ATERROIZADA) Justo, Julia.

JULIA:-(?) Quer que lhe conte tudo, tudinho?

D.GARRA:- Acho que se vai fazendo tarde... Bate-se um papinho, as horas passam e...

JULIA:-(?) Minha vó, como muitos velhos, adorava doces, geléias de amora, sobretudo.

D.GARRA:- Ah, sei. Geléia de amoras. (quando geléias)

JULIA:-(?) Venderia a própria alma por um pote desse doce. Certo domingo de abril - o claro mês das garças forasteiras, segundo o poeta - estávamos em família, quando percebemos que Victor aproximara-se do seu ouvido, sussurrando-lhe coisas no canal auditivo. Dez minutos depois os seus lugares estavam vazios.

D.GARRA:- (COM A MÃO NO CORAÇÃO, RESPIRANDO COM DIFICULDADE) sinto que me falta o ar. O coração parece que me vai fugir pela garganta.

JULIA:-(?) Onde estariam eles?

D.GARRA:- Pois é, onde? (COM GRANDE ESFORÇO)

JULIA:-(?) Na dispensa. Victor baldeou a velha pra lá, entalou ela entre dois potes de geléia e abusou da zinha. Quando chegamos era tarde, estava morta.

D.GARRA:- (NUM MURMÚRIO) Morta!

JULIA:- De onde se conclui que a gula é sempre castigada.

Nós, é claro, sus, caluda! Fizemos como se nada tivéssemos visto. Na nossa família, a senhora sabe, pomos a honra acima de tudo. Sabe que Victor era condecorado?

D.GARRA:- (DESFALCENDO) Morta! (CAI DE LADO)

JULIA:- Que é isso, D.Garra? Agora é a senhora?

D.GARRA:- (TENTANDO ABRIR A GOLA DO VESTIDO) Ai, quero ar!

JULIA:- Vamos, D.Garra! (DA-LHE TAPINHAS NAS MÃOS, NO ROSTO) Não vá desmaiar agora.

D.GARRA:- (SUSSURRANDO) Bem que gostaria. Ai. Ai. Abra as janelas.

JULIA:- (ABANANDO-A COM O CHAPÉU) Que é isso? Sou eu a viúva e não a senhora.

D.GARRA:- (GRITANDO) Abram as janelas! Deixem entrar os passarinhos.

JULIA:- A senhora está querando o seu chapéu? Pegue, é seu, eu o devolvo. (POE-LHE O CHAPÉU NA CABEÇA) Assim.

D.GARRA:- (MUITO NITIDAMENTE) Quando penso que tive um "caso" com esse monstro.

JULIA:- O que? Que está me dizendo? Repita.

D.GARRA:- Um homem tão pontual! (CAINDO DE JOELHOS E JUNTANDO AS MÃOS, À MODA DE JULIA) Victor, Victor, diga-me que não é verdade.

JULIA:- (BATENDO NA TESTA E DANDO UM GRITO) Ah! Sô agora manjei a marmelada. Tudo deve ter se passado entre 21 de abril-Tiradentes - e meados de julho. Perguntei-lhe: que fazes tu agora, meu malandro? E ele me respondia invariavelmente, com um brilho agudo no olhar: eu me agarro, eu me agarro. Então era isto?

D.GARRA:- Ah! minha cabeça. A minha pobre cabeça.

JULIA:- (TORNANDO A CAIR DE JOELHOS) Victor, eu te peço perdão! Como devias te sentir infeliz perto de mim para que fosses procurar consolo junto dessa coruja agourenta!

D.GARRA:- Quem falou em coruja? (OLHA EM VOLTA, COMPLETAMENTE DESNORTEADA)

JULIA:- Perdão, meu louro, você cuja sombra cobre todas as coisas.

D.GARRA:- Quem será esta mulher? E como parece sofrer (APROXIMANDO-
- SE DE JULIA) Quem é a senhora?

JULIA:- (CADA VEZ MAIS ABISMADA EM SUA DOR E FALANDO AO NADA) Quem sou eu? Oh! Cruel destino da mulher que só pode ser não sendo, que só pode se encontrar perdendo-se. (Como posso ~~xxxxxxx~~ não ser para vir a ser se a causa da minha perda já não existe?)

D.GARRA:- A senhora perdeu alguma coisa?

JULIA:- Faço de conta que sou mas, assim fazendo, engano o universo, engano o menor dos raminhos de flores, o mais frágil broto, a mais humilde larva, engano-me a mim mesma e engano a Victor. Perdão, meu bem.

D.GARRA:- Victor? (TAL NOME PERECE DESPERTAR QUALQUER COISA NA SUA CABEÇA) Já ouvi este nome não sei onde!

JULIA:- (LEVANTANDO-SE) Este corpo inútil, este corpo inútil, que macaqueia os gestos dos vivos não é mais que uma terrível vacuidade incapaz de dar realidade à plenitude de VIÚVA. Sou viúva!

D.GARRA:- Ah! A senhora é viúva! Bem que desconfiei...

JULIA:- Fui amputada do sol. Como... como existir? Sinto-me cada vez mais contaminada pela minha própria aparência.

D.GARRA:- Vamos, não exagere.

JULIA:- A dor faz vacilar o meu espírito já abalado, as trevas me envolvem. Onde estou eu? Será verdade que os granadeiros da Independência foram ao Paraguai comer melancias? Quem é a senhora?

D.GARRA:- Uma amiga sua.

JULIA:- Crelo que já nos ~~xxxxxxxxxxxx~~ encontramos.

D.GARRA:- O mundo é pequeno...

JULIA:- Sobretudo quando uma dor incomensurável o habita. Diga-me, senhora, é verdade que todo corpo jogado na água recebe um impulso de baixo para cima capaz de o projetar até as estrelas?

D.GARRA:- É verdade.

JULIA:- Então, vou-me afogar.

D.GARRA:- Não diga asneiras. Vamos, sente-se aqui. Veja, aqui estão

duas cadeiras que parecem ter sido criadas de propósito para nós.

JULIA:- (CONSIDERANDO AS CADEIRAS) Bondade delas.

(SENTAM-SE COMO NO PRINCÍPIO DA CENA. PAUSA)

D.GARRA:- Tudo na senhora faz supor que tem atravessado terríveis provações.

JULIA:- Nunca se atravessa provações. São as provações que nos atravessam.

D.GARRA:- Como milhares de punhais envenenados...

JULIA:- Como?

D.GARRA:- Como milhares de punhais envenenados. Perdão. Sinto-me trágica hoje.

JULIA:- Eu a perdoo...

D.GARRA:- Obrigada. (PAUSA) O que é que a senhora me perdoa?

JULIA:- De se sentir... Eu já senti, mas não sinto mais... Há muito tempo... amei um homem.

D.GARRA:- Víctor...

JULIA:- (ESPANTADA) Como sabe?

D.GARRA:- A senhora me contou, há pouco. Todas as mulheres amam um Víctor. Precisam de um monstro para acharem pretexto ao próprio labirinto.

JULIA:- A senhora devia ser deputada. Como fala bem!

D.GARRA:- É mesmo. Há poucos minutos, senti um estalo aqui (MOSTRA A CABEÇA), a senhora sabe...

JULIA:- Estalo?

D.GARRA:- Estalo. É clássico.

JULIA:- Não diga! (PAUSA) Bonito chapéu.

D.GARRA:- (TIRANDO-O E EXAMINANDO-O) Acha? É seu. (DÁ A JULIA)

JULIA:- Obrigada. Vou guardá-lo no meu viveiro.

D.GARRA:- A senhora me comove. (PAUSA. NOUTRO TOM) Vamos, Suzana, me dê o meu chapéu.

JULIA:- Seu?

D.GARRA:- É. Já devem ser, pelo menos, seis horas.

JULIA:- Acha, Honorina? A

D.GARRA:- Seis, seis e um quarto.

JULIA:- Que pena! Cinco minutos, só mais cinco minutos.

D.GARRA:- Não. Preciso ir. São horas, minha gralha.

JULIA:- Mas não já. Estivemos sublimes, hoje. Ainda estou toda arrepiada.

D.GARRA:- Eu também. Não me sinto a mesma, hoje. Na hora da avó e do pote de geléia, então! Mas o tempo passa e há as obrigações.

JULIA:- As obrigações...

D.GARRA:- A roupa a lavar, as crianças para sorrir, a casa prá limpar. (LAVANTA-SE) Vamos, Suzana, ânimo! Voltaremos amanhã, como hoje, como depois de amanhã.

JULIA:- E tornaremos a falar de Victor.

D.GARRA:- Se quiser, posso trazer o papagaio.

JULIA:- Só assim tudo o que dissermos será gravado. (LEVANTA-SE) Quanto a mim, porei o meu vestido de noiva com um "fumo" na manga.

D.GARRA:- Ótimo! Até logo, Suzaninha.

JULIA:- Até loguinho, Honorina.

(BEIJAM-SE E RETIRAM-SE CADA QUAL PELO SEU LADO? ARRASTANDO AS CADEIRAS COMO AO ENTRAR. DEPOIS VOLTAM-SE PARA TRAZ, EXATAMENTE AO MESMO TEMPO. E...)

D.GARRA:- Amanhã...

JULIA:- A mesma hora...

E DESAPARECEM COMO CHEGARAM...